



VALONGO | SWITCH TO INNOVATION SUMMIT - PRIMEIRA EDIÇÃO

“Será que os territórios que não estão no centro das grandes urbes estão condenados a não serem sítios? A resposta é não. Aqui há vitalidade cívica e dinâmicas sociais”

José Manuel Ribeiro
Presidente da Câmara
de Valongo



“O foco da inovação social não está só na inovação, está nos problemas que ela tenta resolver, e não podemos pensar que todos serão resolvidos com negócios lucrativos”

Filipe Almeida
Presidente
da Portugal
Inovação Social



“Acredito seriamente que os autarcas podem continuar a marcar a diferença no futuro, no desenvolvimento dos nossos territórios, e não só nos grandes centros urbanos”

Rui Rei
Diretor
no CEiiA



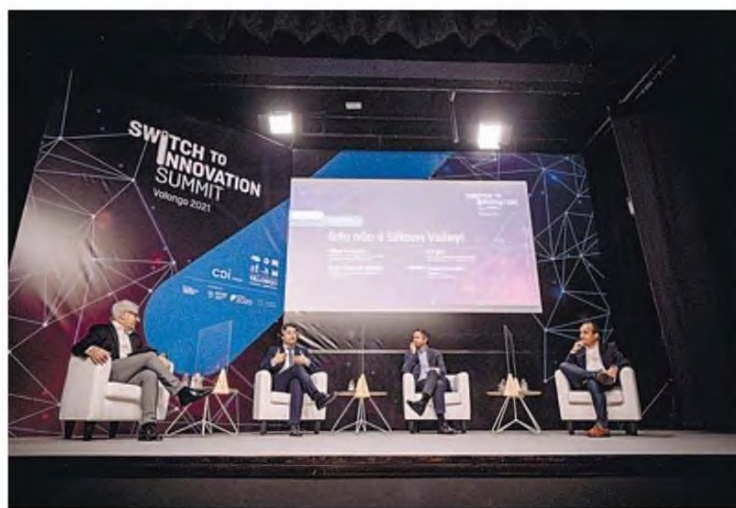
Tecnologia e inovação social juntas geram em Valongo um “vale da vida”

Inovação no país também pode existir fora das grandes cidades, assegurou José Manuel Ribeiro

Duarte Pernes
locais@jn.pt

REFLEXÃO A sofisticação tecnológica está a marcar a agenda europeia e, em Portugal, há cidades a dar passos firmes no sentido de fazerem evoluir as suas estruturas em termos digitais. Valongo também quer afirmar-se nesse sentido. Quem o garantiu foi José Manuel Ribeiro, presidente do município, ontem, durante a realização do segundo e último dia do Switch to Innovation Summit, um evento iniciado na passada quinta-feira e levado a cabo pela Câmara Municipal de Valongo e pelo CDI Portugal.

Sob o mote de “Isto não é Silicon Valley!” (tema do primeiro painel em cena neste dia), José Manuel Ri-



Painel abordou a importância de levar a inovação social a todos os territórios

beiro afirmou que a meca da tecnologia, localizada nos Estados Unidos e berço de várias startups e empresas tecnológicas, “é conhecido como o vale da morte, onde talvez nem 1% das ideias consegue vingar”. Ao invés, segundo assegurou, “em Valongo só menos de 1% das ideias é que não consegue viver e, no que respeita a inovação social com

tecnologia, isto é mesmo o vale da vida”.

FORA DOS GRANDES CENTROS O presidente da Câmara prosseguiu a sua intervenção vincando a importância de não se restringir aos maiores centros urbanos do país o desenvolvimento de projetos inovadores e que, de alguma maneira, possam contribuir para o bem-estar

dos cidadãos. “Os territórios metropolitanos não são só os centros das áreas metropolitanas. Territórios como os de Valongo são sítios onde há, igualmente, matéria fundamental de inovação social”.

Também Filipe Almeida, presidente do Portugal Inovação Social, reconheceu a incontornável relevância da vertente digital, mas dei-

xou um aviso em relação à infoexclusão: “A tecnologia aproxima, mas também isola e exclui, porque aumenta o fosso entre os infoincluídos e os infoexcluídos”. Por isso, concluiu, “é necessário acelerar a digitalização e o aprofundamento das competências digitais na população e, simultaneamente, ter pessoas atentas aos perigos desta hiperdigitalização: isso é essencial para incluir todos”, assinalou o responsável.

“APOSTAR NA FORMAÇÃO”

Por outro lado, num painel diferente (designado “Woman Power”), Cláudia Montenegro, líder da área de responsabilidade social da Fundação Galp, referiu que “toda esta transformação digital traz novas oportunidades para os jovens”. Já Margarida Ferreirinha, diretora de comunicação e sustentabilidade da REN e membro da Direção do CDI Portugal, assumiu uma visão complementar, defendendo que “é preciso continuar a apostar na formação”. Isto porque, conforme acrescentou, “ela é o fator

mais diferenciador na vida de toda a gente”. A responsável acrescentou, ainda, que “as empresas têm de trabalhar em rede e olhar para os parceiros que fazem coisas extraordinárias”.

Já na sessão de encerramento desta primeira edição do Switch to Innovation Summit, José Manuel Ribeiro voltou a usar a palavra e enfatizou a ideia de que é preciso tempo para colher os frutos do investimento feito no presente. “Isto demora uns anos, são sementeiras longas, portanto temos de continuar e eu, provavelmente, só irei aperceber-me dos resultados como cidadão e não como autarca”, disse o presidente da Câmara.

José Manuel Ribeiro reiterou, por fim, a opinião manifestada anteriormente sobre quão benignas podem ser as tecnologias, quando direcionadas para uma política de inovação social: “Estou convencido de que as políticas que investem em cidadania preocupada com questões sociais e que aliem tecnologia são as melhores”, declarou. ●



“Os jovens têm uma característica fantástica, que é arriscar. Isso é muito bom para termos sucesso e não temos de ter medo de errar. Temos é de aprender com os erros”

Margarida Ferreirinha
Membro da Direção do CDI



“Que as mulheres sigam as suas ambições e motivações. Atualmente, as empresas já têm a consciência de que é preciso reduzir as diferenças entre homens e mulheres”

Cláudia Montenegro
Fundação Galp



“Foi, provavelmente, pela chamada de atenção dos jovens em relação à urgência climática que aconteceram muitas mudanças, nos últimos anos, a nível de sustentabilidade”

Luciana Peres
Banco BNP Paribas



IGOR MARTINS / GLOBAL IMAGES

ReApp: para combater os desperdícios

INOVAÇÃO O último dia da iniciativa serviu também para o lançamento da ReApp, um projeto centrado numa solução de combate ao desperdício e à redução dos lixos sólidos urbanos. A ReApp, de resto, foi uma das vencedoras da última edição do Apps for Good, evento destinado a aplicações de cariz social feitas por jovens.



IGOR MARTINS / GLOBAL IMAGES

Casa do Conhecimento inaugurada

FUTURO José Manuel Ribeiro, presidente da Câmara, e Rui Vieira de Castro, reitor da Universidade do Minho, inauguraram, ontem, a Casa do Conhecimento. Segundo o reitor, “esta iniciativa é muito importante para a universidade”. Já para o autarca, “os municípios podem servir para ajudar a montar estruturas como esta casa”.

Escolas, autarquias e privados: o vértice da digitalização

Conjugação entre estas vertentes é fundamental para formar e dotar os chamados cidadãos do futuro

INICIATIVA As escolas, em conjunto com as autarquias e o setor privado, deverão funcionar como pilares importantes, no sentido de fornecerem aos cidadãos mais novos o incentivo e as ferramentas necessárias para estes se autonomizarem e contribuírem para a melhoria de qualidade de vida da comunidade. A parceria entre estes três vértices foi salientada pelos oradores que compuseram o painel, intitulado “Isto não é Silicon Valley!”, na abertura do segundo dia do Switch to Innovation Summit.

José Manuel Ribeiro, presidente da Câmara de Valongo, defendeu que “as escolas devem perceber a importância da tecnologia e da dimensão social no processo educativo”. Já Rui Rei, diretor do CEiiA (Centro de Engenharia e Desenvolvimento), declarou só ser possível “criar coesão territorial se forem dadas oportunidades a todos, e se os autarcas forem o motor ao lado dos restantes parceiros públicos e privados”. Esta ideia foi reforçada por Filipe Almeida, presidente da Portugal Inovação Social, ao afirmar que “uma das chaves do futuro é a parceria intersetorial em inovação social. Por isso mesmo, é crucial o compromisso com entidades de vários setores”.

Igualdade de género e atenção ao ambiente ganham espaço

Empresas cada vez mais obrigadas a desenvolver políticas que atendam a estas duas vertentes

DESAFIOS Sustentabilidade e igualdade de género são outros assuntos fortes a ganhar espaço na atualidade e a constituir uma parte fulcral do amplo conceito de inovação social. Por este motivo, ambas as temáticas foram analisadas no painel “Woman Power”, através da lente de três mulheres com cargos de destaque em instituições bancárias e empresariais. Margarida Ferreirinha, diretora de comunicação e sustentabilidade da REN e membro da Direção do CDI Portugal, afirmou jamais ter sido “discriminada por ser mulher” durante a sua carreira profissional. No entanto, considerou que “isto não é um dado adquirido” e, portanto, devem existir “políticas nas empresas que promovam a diversidade”. Sobre a questão da sustentabilidade, Luciana Peres, responsável pela responsabilidade social no banco BNP Paribas, sustenta que este “é um imperativo do ponto de vista ambiental mas, fruto da pandemia, tornou-se evidente que tem de se olhar para o tema também em termos sociais”. Cláudia Montenegro, líder da área de responsabilidade social da Fundação Galp, realça que a sustentabilidade “é cada vez mais valorizada não só pela sociedade como pelos próprios investidores”.